



Pandemia e informação: o que mudou na cobertura dos telejornais locais do Nordeste?

Vitor Belém
(PPGCOM/UFS)
Giovana Mesquita
(PPGCOM/UFPE)
Lívia Cirne
(PPGEM/UFRN)
Fabiana Siqueira
(PPJ/UFPB)
Paulo Cajazeira
(PPGB/UFC)

Resumo: A pandemia do coronavírus criou uma das maiores crises sanitárias do mundo. Nesse cenário de desafios, o jornalismo também precisou rever seus protocolos, para garantir/ampliar o acesso à notícia como bem público, e para adaptar as formas e as técnicas de produção. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo compreender algumas das transformações na produção, reportagem e apresentação de cinco telejornais locais da região Nordeste do Brasil: SE1, NE1, JPB1, CE1 e RN1, em meio a pandemia da Covid-19, no período de março a junho de 2020. Trata-se de um estudo de caso, no seu caráter exploratório-descritivo. Vale destacar que é natural que o resultado de uma pesquisa descritiva não seja definitivo. Por isso, são modos de pesquisa que devem ser aplicados continuamente, para acompanhar as mudanças e variações do fenômeno pesquisado.

Palavras-chave: telejornalismo local; notícia; pandemia; cobertura jornalística; Globo.

1. Introdução

No dia 16 de março de 2020, a Rede Globo divulgou uma notícia em seu portal¹ anunciando as alterações na programação e aumento da cobertura jornalística, em virtu-



de da Covid-19. No texto, a emissora afirmava que “o jornalismo continuará atuando, e cada vez mais. Porque é possível fazer jornalismo mitigando os riscos, evitando contatos físicos e redobrando medidas de higiene”(REDE GLOBO, 2020).

No dia seguinte à divulgação do texto, a primeira mudança sentida pela audiência foi o aumento na presença do telejornalismo na TV aberta, que chega a quase 200 milhões de brasileiros. Foram destinadas ao jornalismo, 11 horas de programação ao vivo consecutivas, das 4h da manhã às 3h da tarde, e para isso alguns programas da grade foram suspensos.

As mudanças no jornalismo da rede começaram no dia 17 de março, com o Hora 1, a partir de 4h e os telejornais locais sendo veiculados ao meio-dia, incorporando o tempo do Globo Esporte. O distanciamento físico por causa da pandemia da Covid-19, instituído no Brasil desde março de 2020, fez com que os veículos de comunicação adotassem novas rotinas produtivas. No caso das emissoras de televisão, a nova rotina exigiu que a produção telejornalística passasse por uma adaptação. Além de um maior tempo destinado ao telejornal, da suspensão de alguns programas, da incorporação de equipes, algumas mudanças foram incorporadas ao modo de fazer televisão, durante a maior crise sanitária do século XXI. Algumas delas, muito claras para qualquer cidadão: repórter usando máscara, microfone na mão do entrevistado sem a canopla da emissora, “entradas ao vivo” feitas das casas dos repórteres.

Outras mudanças, no entanto, precisam de um olhar mais atento. Como colocar um telejornal no ar com tanto tempo de exibição sem a ida do repórter à rua? Como gravar entrevistas, captar imagens, fazer “povo-fala” estando em *home office*? Essas são algumas das muitas reflexões importantes para pensar a produção desse telejornal com os impedimentos surgidos com a pandemia. No entanto, olhar para essa nova forma de reconfiguração “técnica” do telejornal serve para pensar também sobre em que medida as alterações “comprometem” a construção da notícia. Porque sendo a notícia o objeto central do (tele) jornalismo e estando interligada àquilo que é compreendido como de interesse público, como fatos políticos, econômicos, culturais (FERREIRA e SANTOS, 2013), as alterações que nela acontecem, impactam a vida de homens e mulheres que por meio delas tem acesso “ao mundo dos fatos (dia-a-dia) ao qual não podem aceder de maneira imediata” (PEREIRA JR, 2005, p.02).



Nesse sentido, Jorge (2013, p.11) destaca o processo de mutação da notícia, afirmando que ela “é, assim, ao mesmo tempo, mutável (oscilante, sujeita a mutações) e mutante (sempre em mudança)”. Para a autora:

O jornalismo não é atividade que siga uma linearidade na história. A notícia, principal produto do jornalismo, é o *corpus* onde a mutação pode ser melhor observada. Pela própria natureza do produto-notícia, ele acompanha o contexto social, histórico, político, econômico, e se submete ademais ao entorno local. (...) Muitas espécimes de notícia ainda estão por surgir, causadas por novas mutações (JORGE, 2013, p.157).

Assim, o presente trabalho tem como objetivo compreender algumas das transformações na produção, reportagem e apresentação de cinco telejornais locais da região Nordeste do Brasil: SE1 (Sergipe), NE1 (Pernambuco), JPB1 (Paraíba), CE1 (Ceará) e RN1 (Rio Grande do Norte), em meio a pandemia da Covid-19. Trata-se de um estudo de caso, no seu caráter exploratório-descritivo (YIN, 2015; DUARTE, 2010). A escolha desse método se justifica pela especificidade do momento, exigindo que os pesquisadores se debruçam sobre sistemas em mudanças. Para constituir o *corpus* analítico de pesquisa, reunimos telejornais exibidos nos cinco estados, no período de março a junho de 2020. Para entender as mudanças/transformações na cobertura, centramos a análise em alguns momentos tais como: anúncio da confirmação dos primeiros casos, primeiro óbito registrado pelo novo coronavírus, início do *lockdown*, volta moderada às atividades. Toda a coleta do material foi feita na plataforma digital da Rede Globo, a Globoplay e no portal G1.

2 Mutações no jornalismo

Ao longo das sete décadas de existência, o telejornalismo brasileiro tem passado por diferentes fases, como apontou Silva (2018): falado, reportado, *all news*, convergente, expandido e imersivo. A primeira está relacionada com a herança do rádio, com o aprendizado adquirido em outro meio que foi importado e adaptado no surgimento da televisão. Já as cinco últimas fases estão presentes no momento atual, sobretudo com os canais especializados em notícias (fase *all news*), com os portais de notícias vinculados às emissoras (convergente), ampliada a conexão do telejornalismo com a audiência por meio das redes sociais (telejornalismo expandido) e criados produtos possibilitados pelas tecnologias de realidade virtual e aumentada (imersivo).

Para além de questões tecnológicas, há a necessidade de se aproximar e conquistar novos públicos, de marcar território em um cenário de aumento da concorrência, do surgimento de novos atores na produção de conteúdos.

É possível perceber que as fronteiras do telejornalismo estão cada vez mais tênues, avançando em outros caminhos, com notícias coexistindo em múltiplas plataformas. E neste momento, de dificuldades enfrentadas pela sociedade por causa da pandemia, há um ponto positivo que envolve o jornalismo televisivo: o ganho de credibilidade em meio ao caos informacional.

Mas todo esse reajuste teve implicações nas novas formas narrativas do telejornal local, que passou a usar dispositivos móveis com mais evidência; a incorporar um perfil cada vez mais multifacetado, assumindo outras funções; a rever suas posturas de atuação diante das câmeras e de abordagem às fontes entrevistadas; além de se apropriar de materiais colaborativos intensivamente. Os pressupostos dos avanços tecnológicos associados ao telejornalismo, nesse momento, foram inevitáveis. Sobre o novo cenário, a seção seguinte traz um breve mapeamento com as principais alterações observadas.

3 Os telejornais em análise

Esse estudo toma como base cinco telejornais locais da Globo, produzidos em diferentes estados do Nordeste. A filiação à emissora carioca estabelece mudanças padronizadas, especialmente no que se refere à grade de programação, que ampliou o tempo das produções jornalísticas, mas cada noticiário televisivo, em seu contexto e estrutura, desenvolveu diferentes formas para se adaptar ao momento do distanciamento físico.

Algumas mudanças já começaram a acontecer antes do início da pandemia, como no telejornal paraibano, JPB1. Até a metade de junho de 2019, eram exibidas duas versões locais simultâneas do JPB1: uma em João Pessoa, veiculada pela TV Cabo Branco e outra no interior do estado, em Campina Grande, pela TV Paraíba, ambas pertencentes ao mesmo grupo. Com cortes na estrutura e a demissão de profissionais, a edição apresentada de Campina Grande parou de ser realizada e o conteúdo captado pela TV Paraíba passou a integrar o JPB1 da TV Cabo Branco, que se tornou de abran-

gência estadual¹. Estratégia semelhante foi adotada a partir do mês de março de 2020 com o CE1. A direção da emissora deslocou alguns repórteres da afiliada TV Verdes Mares no Cariri, Sul do Ceará, para Fortaleza, e suspendeu a edição regional do telejornal em Juazeiro do Norte, que passou a retransmitir a geração da capital.

Na Globo Nordeste, onde é exibido o NE1, uma das mudanças que aconteceu com a pandemia foi que desde 21 de março de 2020 a sua programação passou a ser veiculada pela TV Clube do Piauí, emissora afiliada da Rede Globo no Piauí, que suspendeu seus telejornais e colocou os profissionais em quarentena. O telejornal passou a veicular notícias de Pernambuco, mas algumas contribuições do Piauí também foram incorporadas ao telejornal, exibido no Recife e no interior do Estado.

Por fim, ainda nesse âmbito mais amplo, o RN1 e o SE1 sofreram menos impactos durante esse período. Há um destaque em relação ao RN1 ter mais inserções de matérias do interior do Estado, com o alastramento dos casos. De modo semelhante, por não possuir sucursais ou edições regionais, a TV Sergipe manteve a edição do telejornal para todo o Estado, absorvendo as equipes da editoria esportiva, com as devidas adaptações nas dinâmicas de trabalho, a serem descritas a seguir.

4 Percurso da notícia

A análise descritiva foi realizada a partir de três eixos temáticos: produção, reportagem e apresentação. Na produção, foram observados os seguintes aspectos: temas, fontes de pauta limitadas (temática única/demais temáticas), fontes institucionalizadas e envolvimento da audiência. Na reportagem, foram analisadas questões ligadas ao lugar de trabalho de repórter (em casa, na rua ou na redação), questões técnicas do trabalho, o uso do microfone e a exploração do “ao vivo”. Na parte da apresentação, foram destacados aspectos que impactaram na condução do telejornal.

4.1. Produção

No JPB1, notícias relacionadas ao coronavírus, que até então eram eventuais no começo do mês de março de 2020, ganharam força a partir do dia 16, tornando-se o foco

¹ Disponível em: <https://paraibadebate.com.br/tv-paraiba-demite-apresentador-reporter-e-mais-seis-profissionais-encerram-jpb1-e-globo-esporte-de-cg/>. Acesso em: 22 jun 2019.

central do telejornal. No referido programa, os assuntos abordados sobre o coronavírus ou isolamento social, entre março e junho, envolveram, em geral, os seguintes aspectos: dados de infectados e mortos, mudanças nas rotinas das pessoas provocadas pela pandemia, dúvidas sobre a doença, concessão de auxílios à população, flexibilização do isolamento, aulas remotas na educação pública e particular, preparação *online* para o Exame Nacional do Ensino Médio, programação de shows virtuais, entre outros.

Apesar da evidência dada à pandemia, temas factuais, não ligados ao coronavírus, seguiram sendo noticiados no JPB1, como: acidentes, assassinatos, prisões, abertura de inscrições para cursos oferecidos de graça, dentre outros. Entretanto, notícias sobre os problemas das comunidades, como os exibidos pelo quadro Calendário JPB, antes frequentes no noticiário, foram deixadas de lado, especialmente, a partir do fim de março.

No dia 12 de março, quando os dois primeiros casos da Covid-19 foram confirmados em Pernambuco, o NE1 começou com uma imagem aérea, ao vivo, do Recife e de Olinda, que terminava com o apresentador no estúdio dizendo que naquele dia estava sendo comemorado o aniversário das duas cidades. Com a equipe ainda realizando reportagens externas, no dia em que foram anunciados os primeiros casos em Pernambuco, o telejornal reuniu assuntos diversos, como falta de segurança num dos bairros nobres do Recife, dicas para preenchimento da declaração de Imposto de Renda e entrevista com um médico, cuja temática não era Covid-19 e, sim, doença renal. A temática Covid-19 foi tornando-se o foco central do telejornal, com diversas notícias sobre o tema, a partir do dia 25 de março.

No telejornal pernambucano, os assuntos abordados sobre o coronavírus ou sobre isolamento social, entre março e junho de 2020, envolveram, em geral, os seguintes aspectos: ruas vazias e comércio fechado, *lockdown* nas principais cidades da região metropolitana e em Caruaru, dados de infectados e mortos, período de funcionamento e regras para uso do transporte público, mudanças nas rotinas das pessoas provocadas pela pandemia, dúvidas sobre a doença, concessão de auxílios à população, flexibilização do isolamento, aulas remotas na educação pública e particular.

Apesar de a pandemia estar presente, a partir do final de março, em praticamente todo o telejornal, não só em matérias de saúde, outros temas não ligados ao coronavírus,

seguiram sendo noticiados no NE1, como: matérias policiais (apreensão de cocaína em Igarassu, operação da polícia federal), dicas de especialistas (pedagoga ensina brincadeiras no “dia de brincar”, dermatologista fala de cuidados necessários ao usar produtos de higiene, gerente da Celpe ensina como identificar um vazamento de corrente elétrica), aniversário da cantora e compositora Anastácia, incêndio com mortes em Bezerros, acidente de carro e deslizamento de barreira.

Algumas contribuições do Piauí também foram incorporadas ao NE1 (Figura1). No dia 25 de março, quando foi registrado o primeiro óbito pelo novo coronavírus em Pernambuco, o NE1 também noticiou os casos no Piauí, ressaltando a melhora no estado de saúde de seu apresentador Marcelo Magno, infectado pela Covid-19.



Figura 1- Participação do PI 1 no NE1. Fonte: Globo Play.

No SE1, a cobertura sobre o novo coronavírus também foi intensificada a partir do mês de março, quando foi confirmado o primeiro caso da doença, no dia 14. As medidas de isolamento social estabelecidas pelo poder público fizeram com que o telejornal concentrasse as pautas em torno do tema, abordando não apenas aspectos de saúde, como também de economia, explorando os impactos da crise sanitária em setores como o comércio, o turismo, a educação, entre outros.

Nessa fase inicial, com os primeiros registros da doença, as pautas do telejornal denotavam a expectativa em torno dos impactos para vários setores e a mobilização das autoridades para o enfrentamento. Ainda com números de casos reduzidos, a cobertura local repercutia a situação em outros Estados e países. O telejornal exibiu, por diversas vezes, depoimentos de sergipanos que viviam fora do país. Os vídeos, muitas vezes gravados na vertical, eram compilados e transformados em reportagens. Esse tipo de conteúdo acabou gerando um quadro, chamado de "Sergipanos pelo mundo" (Figura 2).

Com a primeira morte registrada no dia 2 de abril, o tom da cobertura deixa de ser mais analítico e passa a ser focado nos impactos e nas histórias das pessoas. Nesse sentido, a produção do telejornal cria novos espaços de colaboração, para estimular o envolvimento do telespectador para o envio de vídeos e depoimentos. Assim surgiram dois outros quadros, o "Minha quarentena", com depoimentos sobre como as pessoas estão lidando com o isolamento social, e o "Sons que inspiram" (Figura 3), que traz gravações musicais, feitas por pessoas comuns ou artistas reconhecidos, para o encerramento do telejornal. As iniciativas mostram como a emissora foi contornando as limitações de produzir conteúdo, reforçando o diálogo com o público e buscando alternativas para uma cobertura inevitavelmente monotemática.



Figura 2 - Vinheta do quadro Sergipanos pelo Mundo. Figura 3 - Apresentação do quadro Sons que inspiram. Fonte: G1 Sergipe.

No Rio Grande do Norte, nos dois primeiros dias do período da análise, 16 e 17 de março, o tom da produção do telejornal era menos alarmista, com intenção de orientar a população, mas, ao mesmo tempo, tranquilizar os telespectadores. Depois, na medida em que se foi agravando a situação sanitária, a enunciação foi sendo modificada, sobretudo quando morreu a primeira pessoa vítima da Covid-19 no Brasil.

Assim como aconteceu nos demais telejornais analisados, com o aumento do tempo de transmissão foram inseridas entrevistas com profissionais de saúde, em estúdio, para esclarecimentos sobre a doença, preenchendo mais de 30 minutos dos programas. Embora houvesse preocupação em respeitar as normas de segurança nas entrevistas no estúdio, os repórteres não mantinham a mesma postura nas reportagens externas.

Apesar de priorizar o assunto coronavírus, outras pautas também tiveram espaço na programação do RN1, como as relacionadas à prestação de serviço (buracos, campa-

nha para transferência de uma pessoa contaminada com coqueluche, falta de água em bairro periférico, falta de segurança). Mas, depois do primeiro decreto na cidade, a partir da segunda semana de cobertura jornalística mais intensa do coronavírus, as edições (até junho) ficaram mais centradas em problematizar sobre os cuidados para evitar o contágio, as mudanças nas rotinas dos potiguares, as ações nos presídios, a alteração do funcionamento no serviço público, a dinâmica do transporte público, a suspensão de aulas e dos eventos, fechamento de locais públicos, o esvaziamento do turismo e dos hotéis, a discussão sobre criação de hospitais de campanha, as aglomerações em agências bancárias, superlotação e falta de leitos nos hospitais e unidades de pronto atendimento, o processo de testagem, fiscalização nas rodovias, ações de solidariedade. Depois do dia 28 de março, com a primeira morte pelo vírus no Estado, na cidade de Mossoró, o interior começou a ser mais pautado pelo RN1, pois a incidência de casos começou a ser maior.

A partir de abril, foi criado um quadro chamado "Na linha de frente", com vídeos que apresentam relatos de profissionais de saúde que estão trabalhando nos hospitais, além de, fora de um quadro específico, passaram a ser veiculados com mais frequência depoimentos de telespectadores no telejornal, com chamada para a importância do isolamento social, e mensagens com "alô" para outros telespectadores.

Em maio e junho, as produções do RN1 exploraram pautas referentes à superlotação dos hospitais, que entraram em colapso (junho), com criação improvisada de leitos, bem como a falta de espaço em cemitérios, picos de casos confirmados (mais de mil por dia), concentração de infecção por bairros, recuo e proibição dos decretos, *lockdown* e retomada da economia.

Já no Ceará, os casos de contaminação, internamentos e mortes em decorrência da Covid-19 eram maiores em Fortaleza do que no interior do Estado, em todo o mês de março. Mas, de maneira geral, as edições do telejornal CE1 também foram marcadas por alterações nos modos de fazer jornalismo, baseadas na preocupação de cumprimento dos protocolos sanitários divulgados pela Organização Mundial de Saúde e Federação Nacional de Jornalistas. As informações da Região do Cariri, que antes possuía um jornal local com trinta minutos passaram a ter 15 minutos de participação com várias entradas ao vivo. Os temas abordados preferencialmente pelo CE1 no período de março a

junho de 2020 foram: cobertura da Covid-19; assuntos diversos, mas correlacionados à pandemia, e os problemas envolvendo a segurança pública.

No JPB1, assim como no SE1, NE1 e RN1, mesmo em meio a pandemia, uma das principais tradições da região não foi esquecida, porém recebeu menos evidência do que nos anos anteriores: as festas juninas. No caso do JPB1, com a participação diária de repórteres de Campina Grande, o telejornal divulgou a programação de shows *online*, que este ano durou três dias. Sem a festa, o programa tentou interagir, solicitando o envio de fotos dos anos anteriores. As imagens foram exibidas no quadro “Baú Junino” (Figura 4).



Figura 4 - Quadro Baú Junino exibido em 11 de junho de 2020 no JPB1. Fonte: Globoplay.

Shows *online* de artistas que costumavam se apresentar no São João também foram divulgados, assim como outras programações no quadro “Qual é a boa?”, veiculado aos fins de semana. Igual ao JPB1, o SE1 criou o quadro exibido no mês de junho, o “Forró em casa”, mostrando como a população celebrava tradições das festas juninas em casa. Tradicionalmente o mês de junho sempre foi marcado pelas celebrações aos santos juninos em várias partes do Nordeste, mas com a pandemia e a proibição de aglomerações, as festas se adaptaram, assim como a cobertura, por diversas vezes, saudosista. Um forma de reforçar os laços sociais(WOLTON, 1996) estabelecidos com a televisão local.

Com relação a audiência, ela esteve presente no telejornal de diversas formas, tanto por meio de vídeos, quanto pelo envio de fotos, sendo estimulada ou não. No caso do NE1, os vídeos apelavam para que as pessoas ficassem em casa e foram feitos por crianças, artistas e influenciadores digitais. Além de mensagens de apelo, os vídeos também mostravam a audiência dando “dicas” de atividades manuais que podiam ser feitas

em casa, além de como ela estava incorporando atividades físicas ao seu dia-a-dia. As fotos exibidas no telejornal mostravam imagens do Recife e de Olinda (aniversário das cidades), profissionais de saúde homenageados, a turma da escola reunida, os professores que trabalham em casa e estudantes. Apesar de a audiência ser mais convocada para o envio de conteúdo “leves” ou para depoimentos que passassem mensagens sobre a importância da prevenção, ela também teve o papel de trazer informações de outras cidades do Estado, onde o jornalista não estava presente, como no caso da reportagem “Bombeira de Tamandaré é curada da Covid-19”, produzida com depoimentos e imagens gravadas pela audiência (Figura 5).



Figura 5 - Reportagem feita com imagens e sonoras enviadas pela audiência. Fonte: Globoplay.

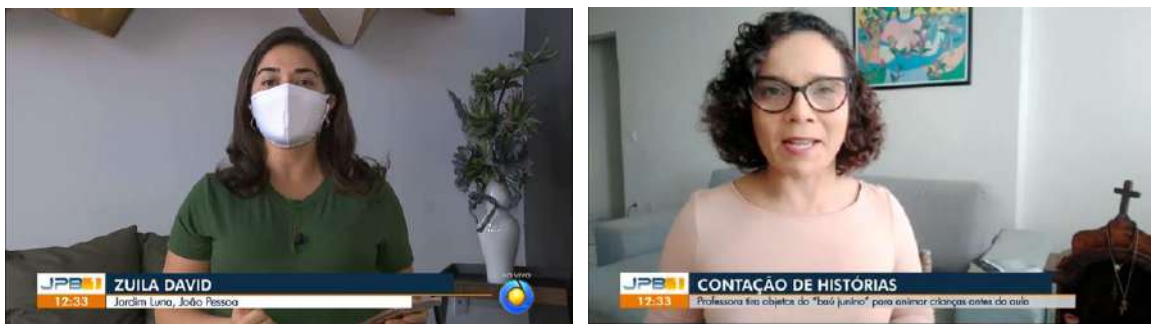
Outra situação, que evidencia a incorporação de conteúdos vindos da audiência é o vídeo enviado no dia 3 de abril com pessoas sem máscara no transporte público. As grandes filas para o recebimento do auxílio-emergencial, no município de Escada, Mata Sul do estado também foram documentadas pela audiência, assim como problemas das comunidades, ações de voluntários na luta contra à Covid-19, as pessoas que recebiam alta nos hospitais e iniciativas, como a do comerciante que montou uma pia improvisada na calçada num bairro do Recife para ajudar no combate à Covid-19. Para convocar a audiência, o apresentador assumiu uma postura pedagógica mostrando como os conteúdos deviam ser enviados para a emissora, ao mesmo tempo em que estabelecia uma proximidade e uma intimidade expressadas por frases do tipo: “olha o vídeo que nós recebemos do Eduardo dos Santos”, Débora, moradora do Ibura, também gravou um vídeo para a gente”.

Os conteúdos viralizados nas redes sociais, como o caso de um vídeo, veiculado no dia 3 de abril, com um desabafo de um médico postado nas redes e de um cidadão

que colocava música em alto volume em seu apartamento para entreter os vizinhos durante a quarentena, também foram incorporados ao telejornal durante o período analisado.

4.2. Reportagem

As principais mudanças que tiveram impacto nos processos de trabalho dos repórteres, no JP1, ocorreram a partir do dia 25 de março, quando os entrevistados ao vivo passaram a contar com um microfone específico, não compartilhado com o repórter e sem a canopla da emissora. Os demais estados analisados também adotaram, em momentos diferentes, o uso dos dois microfones. Foi também no final de março que alguns repórteres do JP1 foram afastados para trabalhar em casa, como Sílvia Torres e Zuila David (Figuras 6 e 7).



Figuras 6 e 7 - À direita, Zuila de David e à esquerda Silva Torres, ambas transmitindo notícias tendo a sala de suas casas como cenário no JP1. Fonte: Globoplay.

Por fazerem parte do grupo de risco, as duas fizeram reportagens e transmissões “ao vivo” de suas casas, utilizando a sala ou outros ambientes, inclusive externos, como o *hall* dos prédios. As reportagens foram realizadas, principalmente, com a inserção de vídeos enviados por fontes oficiais e não oficiais, por meio de celulares ou outros equipamentos. As entradas “ao vivo” foram para falar de assuntos como: canais alternativos de atendimento remoto pelos cartórios, lançamento de aplicativo para receber renda emergencial, dentre outros. Em algumas entradas “ao vivo” feitas por essas repórteres, também foram utilizadas cenas de vídeos colaborativos, intercaladas por sonoras (trechos de fala) realizadas por fontes oficiais e não oficiais.

As mudanças nas formas de produção no NE1 aconteceram quando as medidas de distanciamento físico foram sendo intensificadas e as exigências de cuidados com a

equipe passou a fazer parte de um protocolo a ser seguido nacionalmente. Como aconteceu em diversas emissoras do País, em março, quando foram anunciados os primeiros casos da Covid-19, a Globo Nordeste ainda seguia sem adotar algumas medidas preventivas para a cobertura externa, como, por exemplo, uso de máscara e o distanciamento físico entre entrevistado e entrevistador. Com a exigência do isolamento, o *home office* passou a ser exigido para profissionais que eram grupo de risco (por idade, por doença ou por gravidez). De casa, as entrevistas eram feitas por meio de aplicativos de videoconferência e por aplicativos de mensagens de celular (*WhatsApp*). Nas reportagens, as imagens eram enviadas por fontes oficiais e não oficiais e pela audiência. Os repórteres do NE1, que não trabalhavam *home office* seguiram o protocolo anunciado no Jornal Nacional, em maio.

Outra mudança significativa na reportagem ocorreu no dia 5 de maio, com a utilização de máscaras por todos os repórteres dos telejornais locais analisados (JPB1, SE1, RN1, CE1 e NE1), que passaram a seguir a determinação da Rede Globo, comunicada no dia 4 de maio no JN, exigindo que todos os repórteres usassem máscara nas transmissões ao vivo e/ou nas passagens, estando desobrigados apenas os apresentadores em estúdio ou os que estivessem em *home office*. Diferentemente das equipes de reportagem de outros Estados, na TV Sergipe a máscara de proteção estampava a marca da emissora (Figura 8). Com a pandemia houve também uma diminuição nos telejornais do povo-fala e um maior distanciamento físico entre jornalistas e entrevistados.



Figuras 8 - Equipes da TV Sergipe usam máscaras com logomarca da emissora. Fonte: G1 Sergipe.

Outro aspecto interessante que cabe destacar foi a série de quatro reportagens especiais elaborada em parceria com a Central Única de Favelas (CUFA) e exibida no

fim de junho, no JPB1, sobre a situação durante a pandemia das pessoas que vivem nas comunidades paraibanas (Figura 9).



Figura 9 - Momento em que a série foi creditada na reportagem do JPB1 do dia 26 de junho de 2020. Fonte: Globoplay.

A repórter Sílvia Torres realizou passagens (momento em que repórter aparece diante da tela, narrando alguma informação dentro da reportagem), contextualizando o assunto tratado, com posterior exibição dos vídeos captados pela CUFA e editados pela emissora. Ainda no fim de março, um quadro fixo do JPB1, exibido aos sábados, o Chef JPB, deixou de ter a participação presencial do repórter e as receitas passaram a ser feitas pelos próprios *chefs* de cozinha, que enviaram o conteúdo para edição.

Mas, basicamente, as mudanças em todos os telejornais foram graduais no que se refere à produção da reportagem. No início da pandemia no país, as equipes ainda trabalhavam com aparente normalidade. No dia 17 de março, aniversário da capital Aracaju, o SE1, por exemplo, destacou como a restrição a locais com grande aglomeração de pessoas tinha afetado a celebração. O *link*, direto de uma das praias, destacava mais a presença de turistas nos bares, do que de moradores da cidade (Figura 10). Já no dia 20 de março, um VT do CE1 mostrava a repórter na casa dos entrevistados, sem máscara ou cuidados com o distanciamento (Figura 11). No mesmo local, uma médica seria entrevistada sobre os cuidados para evitar o contágio pelo coronavírus.



**Figuras 10 e 11 - Link do SE1 e do CE1 ainda sem restrições de contato.
Fonte: GloboPlay e G1 Sergipe.**

Até então sem grandes restrições para circular em lugares públicos ou dialogar com as fontes, o SE1 trouxe a figura do "repórter em movimento". Trata-se de um profissional que gravava a reportagem com o celular, valorizando a narrativa de percepção do ambiente, restringindo o uso do *off*. Não era ao vivo, mas tinha a linguagem do tempo real. Estratégia semelhante foi adotada no Rio Grande do Norte. Observou-se no RN1 aparições do repórter realizando trajeto em ônibus e em transportes por aplicativo, mostrando que ainda não havia uma necessidade do uso das máscaras pelos cidadãos, estando restrito aos profissionais de saúde e pessoas que estivessem contaminadas ou apresentassem algum sintoma suspeito, como recomendado pelo Ministério da Saúde.

Na medida em que as estatísticas apontavam o crescimento dos casos, o acesso às fontes e o registro das imagens tornou-se limitado. Em Sergipe, no mês de abril, o uso das imagens enviadas por telespectadores passou a dominar boa parte do conteúdo. Como forma de evitar o contato físico, muitas fontes passaram a enviar os vídeos para compor as reportagens, muitas vezes produzidas pela equipe na redação. Observou-se que nem sempre havia um padrão estético ou de qualidade, com vídeos na vertical, qualidade de áudio e imagem diferente; isso reforça a noção de dependência significativa desse tipo de conteúdo para a produção do telejornal, antes mais criteriosa.

No RN1, foi criada, em abril, uma escala de revezamento semanal, para diminuir a quantidade de profissionais na redação: metade da equipe presencialmente (Figura 12), e outra, em casa, com um kit eletrônico fornecido pela emissora (Figura 13).



Figuras 12 e 13 - Repórteres do RN1 na redação e em casa. Fonte: GloboPlay.

Mas nota-se que, se a participação dos repórteres em *link*, falando direto da redação, já era uma prática recorrente do noticiário, nesse contexto ela passou a ter maior representatividade por conta das condições, com várias entradas. No CE1, em alguns dias, as reportagens gravadas tornaram-se raras, às vezes apenas ao no final do telejornal. E em muitos casos, a depender da força de informações factuais (geralmente envolvendo noticiário policial e, com menos espaço, problemas das cidades), as edições começaram e terminam sem sequer uma reportagem gravada ter ido ao ar.

Outro aspecto relevante a ser notado é o uso recorrente de imagens de arquivo para ilustrar as reportagens, bem como ilustrações gráficas. Um exemplo disso foi uma matéria exibida no dia 1o de junho, na edição do SE1. Em tom de crônica, um texto produzido pelo chefe de reportagem e narrado pela apresentadora, tratava das festas juninas. O vídeo reuniu imagens de arquivo, imagens gráficas e vídeos de colaboração (Figuras 14 e 15).



Figuras 14 e 15 - Recursos usados nas reportagens durante a pandemia. Fonte: G1 Sergipe.

4.3. Apresentação

No aspecto apresentação, os telejornais analisados apresentaram mudanças mais uniformes. Em todos os noticiários observados, as entrevistas do estúdio foram suspensas a partir do mês de março, sendo substituídas, ao vivo ou gravadas, a partir da residência ou local de trabalho dos entrevistados. No JPB1, a participação ao vivo de colunistas semanais, que antes interagiam no estúdio (Figura 15) passou a ser à distância. O mesmo ocorreu com os convidados do SE1 (Figura 16).



Figuras 15 e 16 - Entrevistados interagindo com apresentadores a partir de casa, no JPB1 do dia 17 de junho de 2020, e no SE1 de 30 de maio de 2020. Fonte: Globoplay; G1 Sergipe.

No NE1, com a incorporação de conteúdos do PI1, novas rotinas foram incorporadas, como aconteceu na reportagem intitulada “Barragem transborda e população fica desabrigada após chuva forte no Piauí”. Nela, o repórter do Piauí falava com o apresentador do NE 1 sobre a situação, por meio de uma plataforma de videoconferência. Já as imagens da barragem transbordando foram incorporadas pelo NE1 depois de viralizarem nas redes sociais.

O conteúdo do Globo Esporte local foi inserido no JPB1, RN1, SE1, CE1, NE1, a partir do dia 17 de março, e os apresentadores passaram a ocupar também o telejornal. Isso porque a Rede Globo resolveu retirar o Globo Esporte da grade, já que o calendário das competições e dos jogos foram suspensos. Aparentemente, a orientação foi para que os telejornais locais dessem as notícias de esportes alinhadas às pautas do coronavírus, uma vez que continuaram sendo veiculadas as vinhetas pagas, como por exemplo, “Futebol na Globo” e os respectivos nomes dos anunciantes. Na maioria das edições, após o 25 de março, essa apresentação deixou de ser feita no estúdio e o apresentador passou a trabalhar em casa, como mostra a Figura 17, do JPB1. Mas essa apresentação não foi

realizada de forma remota durante todo o período analisado. Na Paraíba, em maio, houve semana de apresentação no estúdio (5 a 13 de maio) e, depois, a partir do mês de junho. Isso porque o apresentador teve alguns sintomas do Covid-19



Figura 17 - Apresentador paraibano do Globo Esporte apresentando o conteúdo esportivo no JPB1 a partir de casa. Fonte: Globoplay.

Vale destacar que, especificamente em Natal, o esvaziamento do esporte no telejornal acarretou na demissão (em julho) em massa de toda a equipe que produzia e apresentava O Globo Esporte e, com isso, o editor de texto e apresentador do RN1 assumiu as notícias, para cumprir com as vinhetas pagas (sendo apenas notas cobertas e *stand ups*).

5 Considerações finais

A observação preliminar deste estudo revela mudanças significativas provocadas pela pandemia na atuação do telejornalismo local. Com cinco diferentes realidades, foi possível compreender semelhanças e diferenças de estratégias adotadas pelas emissoras na produção, reportagem e apresentação de seus telejornais (Quadro 1). Obviamente, a filiação a uma rede cria parâmetros uniformes, mas a observação qualitativa feita no período aponta algumas especificidades em cada local, especialmente nas estratégias de produção. Quando se trata de reportagem e apresentação, as mudanças se assemelham mais, tendo em vista as limitações e as alternativas técnicas para a gravação.



IMPACTOS DA PANDEMIA NO TELEJORNALISMO		
PRODUÇÃO	REPORTAGEM	APRESENTAÇÃO
Cobertura predominantemente monotemática	Adoção de segundo microfone com os entrevistados, sem a <u>canopla</u> de identificação da emissora	Ausência de entrevistas no estúdio
Criação de quadros para dinamizar o telejornal	Uso de máscara pela equipe de reportagem.	Uso de <i>software</i> para entrevistas ao vivo
Intenso uso de conteúdo produzido pela audiência	Participação de repórteres ao vivo ou gravada a partir da redação ou de casa	Incorporação nos telejornais analisados da editoria esportiva
Concentração de produção nas capitais	Uso de imagens de arquivo, enviadas pela audiência e ilustrações gráficas para compor a reportagem	Dissolução de edições regionais
	Fontes gravam a própria entrevista para as reportagens	Maior tempo de estúdio
	Predomínio do ao vivo.	

Quadro 1 - Mudanças observadas no telejornalismo durante a pandemia. Fonte: elaboração dos autores

Vale destacar que é natural que o resultado de uma pesquisa descritiva não seja definitivo, mesmo porque o recorte temporal não marca o fim da pandemia e suas consequências. Por isso, acredita-se que, com o modo de pesquisa adotado e a especificidade do momento, é preciso rever continuamente o objeto em estudo, para acompanhar as mudanças e variações do fenômeno pesquisado. As informações sintetizadas no quadro 1 elencam as principais mudanças observadas no recorte regional, mas certamente contribuem para inferências mais amplas, tendo em vista os princípios do telejornalismo. Importante notar que não estamos considerando essas características como inovação (o recursos/estratégias já existiam), mas como rupturas no modo de fazer jornalismo televisivo diário.

Dentre todas as questões apontadas, ressalta-se a força que o “ao vivo” adquiriu nos telejornais durante esse momento. Aponta-se ao menos duas causas para isso. A primeira é de ordem tecnológica: novos equipamentos permitem que repórteres e cinegrafistas se desloquem para diversos locais e entrem “ao vivo”, usando sinal de telefonia celular (*minilink, mochilink e liveU*). A portabilidade dos equipamentos também permitiu que, numa mesma edição, as equipes pudessem se deslocar para mais de um lugar e entrar ao vivo mais de uma vez, inclusive com assuntos diferentes. A segunda causa levantada aqui tem relação com a busca das emissoras por uma linguagem mais coloquial, mais instantânea. Essa linguagem permite uma aproximação com o telespectador, que vê o repórter falar de forma mais livre, sem as amarras de um texto pronto. Ainda é preciso destacar a dificuldade de acesso a imagens num momento de *lockdown*, o que favorecia a utilização do “ao vivo”, sobretudo num momento em que o espaço para o jornalismo era ampliado nos telejornais locais. Como destacamos, esse trabalho, por questões diversas, não se encerra aqui, mas tem uma importância como uma radiografia de um momento relevante na cobertura telejornalística da maior crise sanitária do século XXI.

Referências

DUARTE, Jorge. Estudo de Caso. In: DUARTE; BARROS. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

JORGE, Thais de Mendonça. **Mutação no jornalismo: como a notícia chega à internet**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

REDE GLOBO. Globo altera programação e aumenta cobertura jornalística da Covid-19. Disponível em <https://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/mudancas-na-globo-em-funcao-do-covid-19.ghtml>. Acessado em 10/12/2020.

SILVA, Edna de Mello. As fases do telejornalismo: uma proposta epistemológica. In: EMERIM, Cárlica; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane (orgs.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular. 2018.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos**. Bookman editora, 2015.

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
3 a 6 de Novembro de 2020

.....

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão.**
Ática, 1996.